

A Pérsia no Rio de Janeiro: relatos sobre a passagem da embaixada persa na corte joanina

Anita Correia Lima de Almeida*

Resumo

Em setembro de 1810, o navio *Lion* aportou no Rio de Janeiro trazendo a bordo o embaixador persa Mirza Abul Hassan (1785-1880), que regressava de Londres, e Sir Gore Ouseley (1770-1844), embaixador britânico que seguia para a Pérsia. As duas comitivas estrangeiras ficaram na cidade durante quinze dias e foram recebidos pelo príncipe D. João. O que se pretende é apontar para as possibilidades que essa visita à corte joanina e seus relatos nos trazem para sondar as imagens sobre o Oriente, a Europa e a América presentes nesse encontro inusitado entre persas, ingleses, portugueses e luso-brasileiros no princípio do século XIX.

Palavras-chave: Persas; Oriente/Ocidente; narrativa de viagem

No dia 13 de setembro de 1810 chegava ao porto do Rio de Janeiro o navio *Lion*, trazendo a bordo o embaixador persa Mirza Abul Hassan (1785-1880), que regressava de Londres, e Sir Gore Ouseley (1770-1844), embaixador britânico que seguia para a Pérsia, ambos com os seus respectivos séqüitos. Essa era a primeira vez que o Rio de Janeiro joanino assistia à passagem de enviados estrangeiros.

Segundo o relato que nos deixou Luís Gonçalves dos Santos (o Padre Perereca), nas suas *Memórias para servir à História do Reino do Brasil* (1825), os persas, “tão famosos na antiga história, tanto sagrada, como profana, e igualmente célebres na moderna”, com “o seu vestuário talar¹, todo de seda, o turbante, e as grandes barbas, atraíam a atenção de todos, e excitavam a curiosidade” (SANTOS, 1981, tomo 1: 261).

Mirza Abul Hassan voltava para casa, depois de cumprir sua missão em Londres. O embaixador inglês seguia para o Oriente, enviado por Jorge III, para ajudar nas negociações de paz entre persas e russos, de maneira que os russos ficassem livres para dar combate às forças de Napoleão. Durante a longa viagem da Inglaterra à Pérsia, o navio fez escala no porto do Rio de Janeiro.

O príncipe regente, D. João, recebeu as duas comitivas estrangeiras com todas as honras, mandando que “fossem alojados, e mantidos com magnificência, e suntuosidade à sua custa, enquanto se demorassem nesta Corte” (SANTOS, 1981 [1825], tomo 1: 261). As casas nobres do brigadeiro Manuel Luís Ferreira, no Rocio, foram preparadas “com tapeçarias da Casa Real e com móveis ricos, e se destinaram para o serviço de Suas Excelências coches com criados da mesma Casa Real, e guardas de cavalaria para os acompanhar; como também se transferiu para ali a Ucharia Real, com os competentes cozinheiros, e serventes” (SANTOS, 1981, tomo 1: 261).

Junto com a comitiva britânica viajava James Justinian Morier, (1780?-1849), um experimentado orientalista que seguia como secretário da missão. Morier narrou o episódio da escala no Rio de Janeiro em seu livro “*A Second Journey Through Persia*” [Segunda Jornada

* Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História/PPGH da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Unirio. Pesquisadora colaboradora do Centro de Estudos do Oitocentos/PRONEX “Dimensões da cidadania” (CNPq/FAPERJ).

¹ Talar: roupa que desce até os calcanhares; geralmente veste suntuosa.

pela Pérsia], publicado em Londres em 1818². E conta-nos que ingleses e persas passaram quinze dias no Rio de Janeiro, “fazendo visitas, freqüentando muitos jantares e procurando ver as coisas mais pitorescas da cidade e de seus arredores”.

Os ilustres embaixadores partiram, segundo o relato do padre Perereca, “levando consigo uma grata lembrança da hospitalidade, e grandeza, com que foram recebidos, e tratados neste país pelo seu augusto soberano, como também dos obséquios, que lhes fez toda a Corte”. E padre Perereca comenta ainda: “dizem que o persa fora muito agradado da beleza da cidade, e de sua situação, e igualmente admirado da sua extensão, e população, não contando ainda duzentos e cinqüenta anos depois que foi fundada” (SANTOS, 1981 [1825], tomo 1: 261-2).

Já segundo James Morier, os persas, que nunca tinham visto o Novo Mundo, ao aproximarem-se da cidade pareceram decepcionados, pois, diante de tanta expectativa, julgaram que estavam vendo apenas terra e árvores e “protestaram que o Novo Mundo, estranhamente, parecia ser exatamente igual ao Velho Mundo” (MORIER, 2006 [1818]). Ainda segundo o diplomata inglês, os persas acharam o Rio de Janeiro uma cidade muito suja, com o que “ficaram exultantes e asseveraram que suas cidades eram mais limpas do que aquela que tinham diante dos olhos” (MORIER, 2006 [1818]). E Morier conclui: “para nós ingleses, verdade seja dita, a imundície de São Sebastião e de seus habitantes é bastante desagradável” (MORIER, 2006 [1818]).

Morier continua seu relato contando que no dia 25 de setembro, persas e ingleses, afinal, depois de vários dias passeando pela cidade, e certamente já com o navio reequipado, foram ao palácio se despedir do príncipe regente: “o príncipe conversou com os embaixadores durante um tempo considerável e pareceu apreciar bastante a descontração do persa, um homem espontâneo e desembaraçado”. E, então, Morier narra o seu espanto com as maneiras, que considerou pouco polidas, do embaixador persa:

Ao término da audiência, quando estávamos em via de deixar o príncipe e nos inclinávamos respeitosamente enquanto saíamos de sua vista o persa, sem nenhum medo ou inibição, virou as costas e, sem ao menos olhar para trás, encaminhou-se para a porta. Tal comportamento é digno de nota, pois ajuda a desvendar o caráter de todo um povo. Esse homem, que nunca aparece diante de seu próprio rei, a não ser com grande respeito e apreensão, e que jamais pronuncia o nome de seu soberano sem experimentar um sentimento de terror, aqui, diante de um soberano estrangeiro, mostrou uma indiferença quase insultuosa e se serviu de uma linguagem que levava a supor ter ele nascido num país onde a liberdade reina em plenitude. Talvez tamanho desrespeito diante de um príncipe estrangeiro decorra da excessiva reverência que tem pelo seu próprio monarca. (MORIER, 2006 [1818])

Quando ingleses e persas retornaram da audiência com o príncipe, Hassan encontrou sua comitiva em grande alvoroço. De acordo com o relato de Morier, dois de seus homens tinham brigado:

Uma dama portuguesa havia lhes dado de presente um papagaio – ave que, na poesia persa, tem quase o mesmo significado que tem a rola na poesia inglesa³.

² Jean Marcel Carvalho França apresentou e traduziu o relato de James J. Morier. França observou que a narração de Morier sobre o episódio deve ser lida como a visão de “um europeu do encontro entre dois povos que, aos seus olhos, olhos de um inglês culto do início do século 19, eram ambos exóticos”. FRANÇA, J. M. C. Um olhar britânico sobre o “exotismo” de brasileiros e persas. *Folha de São Paulo*. Caderno Mais, de 26 de fevereiro de 2006.

Quando retornaram para junto de seus camaradas, ambos reivindicaram a preferência da dama e se disseram donos da prenda. A querela dos dois galanteadores contaminou os outros. Com o intuito de pôr fim às discussões, um deles, muito calmamente, se chegou para o lado e degolou o papagaio. A tempestade, então, caiu sobre ele, e a coisa se tornou tão violenta que os soldados portugueses tiveram que ser chamados para aplacar os ânimos. (MORIER, 2006 [1818])

Logo que o embaixador persa retornou de sua visita ao palácio, “puniu os principais infratores, ordenando que fossem chicoteados diante dele. Aqueles que, no calor dos acontecimentos, haviam se expressado de maneira pouco reservada, tiveram a boca espancada com um sapato – é o que denominam ‘kufsh khorden’, isto é, ‘comendo sapato’ ” (MORIER, 2006 [1818]). Mas um criado irritou particularmente o embaixador: durante as investigações do caso do papagaio, Hassan ficou sabendo que o criado o havia acusado de “amesquinhar a grandeza do seu soberano e de denegrir o nome dos muçulmanos, pois vivia somente em companhia dos cristãos, bebendo vinho e, por certo, comendo carne de porco” (MORIER, 2006 [1818]).

Para o inglês James Morier, o embaixador persa foi rude e pretensioso na audiência com o príncipe. Para o criado persa, o embaixador Hassan amesquinhava a grandeza de seu soberano e denegria o nome dos muçulmanos, quando convivia com os ingleses, cristãos, em companhia dos quais, por certo, bebia vinho e comia carne de porco. Para ambos, ingleses e persas, segundo Morier – e ao contrário do que diz o Padre Perereca – o Rio de Janeiro pareceu uma cidade bastante suja, e os “persas ficaram exultantes e asseveraram que suas cidades eram bem mais limpas do que aquela que tinham diante dos olhos”. Já para o próprio Morier, a sujeira devia-se, na verdade, “à comunidade negra, a mais numerosa da cidade” uma vez que, “diante de certas emergência, os negros, em razão de sua bruta criação, raramente contêm suas necessidades” (MORIER, 2006 [1818]).

Afinal, então, a visita de britânicos e persas à corte joanina e os relatos dessa experiência parecem nos oferecer hoje uma boa oportunidade de sondar as várias imagens sobre o Oriente, a Europa e a América que estiveram presentes nesse encontro inesperado que uniu portugueses, persas e ingleses no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XIX.

Bibliografia

SANTOS, Luís Gonçalves dos (Padre Perereca). *Memórias para servir à história do reino do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da USP, 1981.

MORIER, James Justinian. *A Second Journey through Persia, Armenia, and Asia Minor, to Constantinople, between the Years 1810 and 1816: with a journal of the voyage by the Brazil and Bombay to the Persian Gulf: together with an account of the proceedings of his Majesty's embassy under his Excellency Sir Gore Ouseley*. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1818. O trecho da obra referente à visita ao Rio de Janeiro foi traduzido por Jean Marcel Carvalho França em “Velho mundo novo”. *Folha de São Paulo*. Caderno Mais, de 26 de fevereiro de 2006.

³ Na tradição cristã, a rola é símbolo de fidelidade conjugal.